



Práticas de leitura na atualidade: das leituras em espaços não formais às leituras em sala de aula

Maria Aurora Neta (PQ)*

maria.aurora@ueg.br

Natália Borges de Oliveira

Nívia Bueno Guimarães

Amanda Priscila Moura Guimarães

Universidade Estadual de Goiás/Câmpus São Luís de Montes Belos

Resumo: A pesquisa objetiva evidenciar os espaços não formais de leitura e as práticas leitoras que acontecem nestes espaços, as quais são efetuadas constantemente por jovens (estudantes) leitores. Ao falarmos em espaços não formais, nos referimos àqueles não institucionalizados, mas criados pelos próprios leitores, por exemplo, o pátio da escola, o banco da praça, a fila do banco, o consultório médico, a lan house, o quarto, entre outros. A ampliação do conceito e dos discursos sobre a leitura, do que é ler, do como se lê, do que se lê, onde se lê e o que se faz com o que se lê justifica-se cada vez mais, porque entramos no século XXI convivendo com diversos meios de comunicação e outros instrumentos que advêm do desenvolvimento das tecnologias. Esses contribuem significativamente com a formação das pessoas (leitores) e influenciam sobremaneira nas suas escolhas, inclusive, em suas leituras, nos seus modos de ler e na experiência de outras práticas leitoras. Propomos investigar também como está ocorrendo ou pode ocorrer a interlocução das leituras feitas nestes ambientes não formais, pelos estudantes, no dia-a-dia da sala de aula.

Palavras-chave: Leitura. Leitores. Práticas leitoras. Espaços informais. Escola.

Introdução

A polissemia da palavra leitura, consequentemente, da própria leitura, se revela, entre outras coisas, na multiplicidade de complementos que a ela se pode dar e, nesse sentido, temos: leitura de quê? de que tipo de texto? literário? jornalístico? científico? publicitário? didático? impresso? eletrônico? Em que suporte se encontra? Estes questionamentos põem em evidência que ao falar em leitura não se pode mais fechá-la nem determinar que existam formas já estabelecidas do que é ler, de como se lê, onde se lê e do que se lê. Ou dizer que existem leituras boas e ruins, certas e erradas, convenientes e inconvenientes; leituras que educam e outras que não trazem nada de proveito para o/a leitor/a. Nesse ponto, destaca-se que: o que de fato existem são leituras e leitores/as. Assim, ao problematizarmos tais questões, propomos, nesta pesquisa, evidenciar os espaços não-formais de leitura e as práticas leitoras que acontecem nestes espaços, as quais são efetuadas constantemente pelos/as jovens (estudantes) leitores/as.

Ao falarmos em espaços não-formais, nos referimos àqueles não institucionalizados, mas criados pelos/as próprios/as leitores/as, por exemplo, o pátio ou corredores da escola, o banco da praça, a fila do banco, o consultório médico, a lan house, o



quarto, entre outros. Nesse sentido, Chartier (1999, p. 78), traz que “a história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura. É no século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama. [...]”. Com isso, indo além, propomos investigar como está ocorrendo ou pode ocorrer a interlocução das leituras feitas nestes ambientes não formais, no dia-a-dia da sala de aula, considerando que este sujeito-leitor que ora se encontra diante de uma tela repleta de textos, quer seja em casa ou na rua é, na maioria das vezes, o mesmo sujeito-leitor que se encontra numa sala de aula onde também há textos, configurados nas diferentes disciplinas e que, em diferentes momentos, se depara com os mesmos assuntos lidos e/ou vistos em algum *site* ou blog, porém em outros portadores, como nos livros didáticos.

Material e Métodos

A trajetória metodológica que propomos percorrer para realizar a pesquisa está dividida em três momentos. Um primeiro, pesquisa de campo realizada por meio do contato com estudantes do ensino médio de escola pública. Este é o ponto de partida, a partir do qual buscaremos conhecer e mapear os espaços não formais de leitura que estes sujeitos usam e/ou frequentam. A partir das conversas realizadas e mapeados os espaços, construiremos um questionário a ser aplicado a estes estudantes para conhecermos que práticas leituras eles realizam, ou seja, o que leem, onde, quando e com quais finalidades.

O segundo, é a experiência a ser feita numa escola de ensino médio, a qual se dará por meio da construção de um espaço de interlocução para que os/as estudantes possam falar de suas práticas leitoras. Pretendemos, organizar e realizar uma experiência em que os/as alunos/as são motivados/as a discutir sobre suas práticas de leitura para, posteriormente, perceber se estas práticas têm contribuindo com sua formação de leitor/a, bem como os reflexos destas leituras no âmbito das diferentes disciplinas. Quer dizer, se as leituras que os/as estudantes fazem fora da escola são reconhecidas no conjunto dos conhecimentos construídos nesta instituição.

O terceiro momento, a realização de uma roda de conversa com os/as estudantes e professores/as envolvidos/as na pesquisa para dialogar acerca dos resultados obtidos. A partir do que colocamos, entendemos que é possível aliar os pressupostos da abordagem qualitativa com os dispositivos da pesquisa participante, uma vez que pretendemos acompanhar os/as leitores/as e suas leituras, daí que essa opção metodológica responde aos objetivos da proposta. Pois, este tipo de pesquisa prima pelo princípio da cooperação, da troca de saberes e da relação estreita que se estabelecem entre pesquisar e intervir. (DESROCHE apud THIOLLENT, 2006). Assim, ela se define basicamente pela reciprocidade, o que para nós é fundamental.

REALIZAÇÃO



Resultados e Discussão

As contribuições científicas e sociais de nossa pesquisa remetem à ressignificação das representações que ao longo do tempo foram e têm sido construídas acerca da leitura e do/a leitor/a brasileiro/a. Nesse sentido, ao se realizar um trabalho investigativo que objetiva evidenciar práticas de leitura realizadas em espaços informais e os/as leitores/as que as realizam, no caso, os/as jovens estudantes do ensino médio de escola pública, busca-se construir outros referenciais sobre este objeto e estes sujeitos no contexto da sociedade moderna na qual vivemos. Ainda, porque há tempos ouvimos dizer que o povo brasileiro não lê, lê pouco ou lê mal. Dizeres por meio dos quais é possível perceber que existe um conjunto de imagens pré-determinadas sobre o que leitura, o que é ler, quem é leitor e que práticas de leitura são consideradas válidas pela sociedade e suas instituições, inclusive, a escola. Assim, mesmo vivendo neste espaço plural onde as práticas, os modos de ler e os materiais de leitura ampliam-se gradativamente, chama nossa atenção o fato de se manter, ainda, o discurso da ausência de leitura e uma representação modelar de leitura e de leitor/a, os quais encontram-se na base da ideia de uma carência cultural brasileira. Desse modo, compreendemos que nossa pesquisa poderá contribuir de forma significativa para a construção de outros modos de perceber as leituras realizadas pelos/as estudantes fora do ambiente escolar, bem como para a promoção de uma interlocução entre estas práticas leitoras e os conhecimentos produzidos dentro da sala de aula nas diferentes disciplinas, evidenciando que na atualidade outros lugares, modos ler e aprender estão se constituindo, e a sociedade de um modo geral e, especialmente, a escola, precisa reconhecê-los e dar-lhes o devido espaço, bem como reconhecer os sujeitos que dão sentido às leituras – os/as jovens leitores/as.

Considerações Finais

O trabalho em tela expressa o desejo de contribuir para que a leitura e a formação de leitores/as sejam ressignificados no âmbito social e, de forma particular, na escola, pois este é um dos espaços privilegiados de acesso, divulgação e democratização da leitura, logo, de formação de crítica e sensível de leitores/as. Potencializar as leituras realizadas fora da escola é uma forma de valorizar o/a leitor/a que existe em cada estudante, bem como de fomentar a interlocução entre os saberes produzidos dentro da escola com os que os/as estudantes adquirem fora dela. Ainda, pela importância de deslocar sentidos em relação a estes e outros



sujeitos sociais, tendo em vista construir outros referenciais sobre as questões relativas à leitura e à formação de leitores/as e as demais situações que os envolvem. Assim, tomando como pressuposto a importância de uma reeducação das formas de ver e sentir as questões envolvidas em nossa pesquisa, nos remetemos à poesia de Manoel de Barros:

“A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo [...]”.

Agradecimentos

Agradecemos aos/às estudantes, professores/as, coordenadores/as e à direção da escola que nos acolheu para a realização da pesquisa.

Referências

BARROS, M. de. *Livro sobre nada*. São Paulo: Record, 2001.

CHARTIER, R. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MICHEL, T. (Org.). *Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Paulo: EDUFSCAR, 2006.